

De Amarante para o mundo: Clóvis Moura, memória e esboço biográfico

Enviado em:

25/05/2014

Aprovado em:

12/10/2014

Gustavo Orsolon de Souza

cliogustavo@bol.com.br

Mestre em História

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo tem o objetivo de fazer uma breve análise de parte da memória e da biografia do intelectual Clóvis Moura. Estamos considerando como uma pequena parte porque não é nossa pretensão fazer uma biografia no sentido pleno do termo, mas sim percorrer os primeiros passos da vida de Moura até a publicação de seu primeiro trabalho, o livro “Rebeliões da Senzala”.

146

Palavras-Chave

Clóvis Moura; Memória; Biografia

Abstract

This article aims to make a brief analysis of part of memory and intellectual biography Clóvis Moura. We are considering as a small part because it is not our intention to do a biography in the full sense of the term, but rather go through the first steps of life de Moura until the publication of his first work, the book “Rebeliões da Senzala”.

Keywords

Clóvis Moura; Memory; Biography

Segundo o sociólogo Fábio Oliveira, que fez um trabalho cuidadoso sobre parte da trajetória intelectual de Moura, é em Amarante, no Estado do Piauí, que em 10 de junho de 1925 nascia o segundo filho de Francisco de Assis Moura e Elvira Steiger Moura chamado Clóvis Steiger de Assis Moura, hoje mais conhecido como simplesmente Clóvis Moura (OLIVEIRA, 2009: 27-28).

Oliveira investiga a origem familiar e afirma que sua mãe, Elvira, era neta

do suíço Ferdinand Von Steiger-Münssingen, barão do império prussiano e homem bastante influente na Bahia, principalmente depois que se casa com Amélia Sá, também de família tradicional, que juntos desenvolvem a produção da Fazenda Vitória, em Ilhéus BA, a qual eram proprietários (OLIVEIRA, 2009: 27-28).

Elvira Steiger de Magalhães Castro, nasceu e foi criada nesta fazenda. A mesma conheceu seu futuro marido, Francisco de Assis Moura numa viagem que fez ao Rio de Janeiro para estudar. Após o casamento, Elvira passou a assinar o nome de casada, Elvira Steiger Moura (Entrevista: 2012).

Sobre a origem do pai de Moura, Oliveira teve poucas informações, tendo apenas como fonte o depoimento de Vivaldo da Costa Lima. Francisco de Assis Moura era negro e filho do maranhense Abidon Moura (OLIVEIRA, 2009: 29). Francisco formou-se farmacêutico na Bahia, mas acabou indo trabalhar como fiscal do imposto de renda (Entrevista: 2012).

Elvira e Francisco tiveram mais dois filhos, Carlos Assis Moura, apelidado de Carlitos e Maria do Rosário Moura Cunha, apelidada de Merita, sendo Carlos o mais velho e Merita a mais nova.

Em uma de suas poesias, Moura destacou um pouco de sua infância com os irmãos, na cidade de Amarante. Na poesia intitulada “Lendas”, Moura retrata o universo das lendas que ele e seus irmãos ouviam quando crianças:

“[...]
Acordamos assustados
(somos apenas crianças)
e vemos pela janela
milhões de bichos na noite.
Vem o cabeça de Cuia
dançando de madrugada
vem a moça que morreu
no Parnaíba afogada:
com o seu vestido de noiva
que não pode ser usado.
[...]”. (MOURA, 1982 :26-27)

A cidade de Amarante também foi retratada por Moura em suas poesias. Localizada no interior, sem a agitação e o movimento das grandes centros urbanos, o autor destaca, por exemplo, na poesia “Evocação do Menino Perdido”, o tom bucólico e a simplicidade da cidade natal onde ele e seus irmãos nasceram:

“Naquele rio sem ponte
eu via a noite chegar
com seus punhais de tristeza

desdobrando devagar.
 Naquela rua sem pedras
 da cidade de Amarante
 com bichos piando em frente
 ao tronco escuro do monte
 eu via a lua chegar [...]”
 (MOURA, 1982 :18-19)

A família teria permanecido em Amarante até o ano de 1935 quando, então, se transferiram para Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Um dos motivos da transferência da família estaria ligado à decadência econômica da região, que teria se iniciado em 1920 (OLIVEIRA,2009: 29-30).

Entre o ano de 1935 até o ano 1941, Moura e sua família viveram em Natal. Na nova cidade, Moura e seu irmão foram estudar no Colégio Diocesano Santo Antônio, que desde 1929 era dirigido pelos irmãos Maristas, responsáveis por manter o ensino católico na instituição e preparar a elite política e intelectual (OLIVEIRA, 2009: 32-33).

Teria sido nesta instituição católica que Clóvis Moura deu o primeiro passo em sua carreira como intelectual. Ele inicia sua vida nesse universo quando, ainda no Colégio católico, cria o Grêmio Cívico Literário 12 de Outubro e o jornal *O Potiguar*, onde teria publicado seu primeiro artigo (OLIVEIRA, 2009: 32, 33 e 36).

No poema “Definição”, do livro poético, “Argila da Memória”, de 1962, Moura deixa claro que o seu sonho não era seguir a profissão do pai - que como já afirmamos – trabalhava como fiscal do imposto de renda. Moura, tinha outras ambições:

“Meu pai queria que eu fosse
 fiscal do Imposto de Renda,
 advogado de banca,
 noturno membro society
 menino de muitas prendas.”
 (MOURA, 1982: 32-34)

O trecho retrata o interesse preocupado de um pai para com a carreira de seu filho. Nesse caso, Clóvis Moura não acatou a vontade de seu pai, e foi em busca de um novo caminho que acreditava que poderia trilhar. Caminho este em que o infinito era o desejado:

“[...]”
Quero mais: quero as estrelas,
quero a sonata maior
quero o crepúsculo e o espaço
no bolso do paletó.”
(MOURA, 1982: 32-34)

Moura foi em busca desse sonho, desafiando os obstáculos – que não foram poucos –, para que seu lugar pudesse conquistar. Queria construir a sua carreira, sabia que não tinha talento, ou vocação, para trabalhar na profissão de seu pai. Em outro trecho do mesmo poema, Moura se considerava um “monarca”, possuidor do “mistério”, portanto, não queria ficar preso, como “pedra e cal”, na figura de um fiscal (MOURA, 1982: 32-34).

O Jovem Clóvis Moura

Em 1941 ocorreu a transferência de Moura e família para Salvador (BA), mesmo ano do falecimento de Carlos, irmão mais velho de Moura. É em Salvador que Moura começa a estreitar seus laços com a intelectualidade, criando seu círculo de amizade. Oliveira afirma que além de Vivaldo Costa Lima, Moura também teve Aluísio Sepúlveda, Rui Soledad e Otto Soledad como amigos. A reunião de Clóvis e seus amigos ocorria semanalmente para tratar de assuntos relacionados à política e a literatura (OLIVEIRA, 2009: 38).

O tempo que residiu em Salvador foi curto. Em 1942, Moura e a família já estavam residindo em Juazeiro (BA). Nesta época, Clóvis Moura não era mais um nome desconhecido. O mesmo foi convidado, por “colegas comunistas”, a criar em Juazeiro a seção local da Associação Brasileira de Escritores – ABDE (OLIVEIRA, 2009: 66). Não conseguimos apurar se Moura realmente criou a ABDE em Juazeiro, mas consideramos tal convite uma forma de projeção de seu nome dentro do universo intelectual. Ainda é preciso lembrar que nesta mesma época Moura não havia publicado ainda nenhum livro.

Ainda no período que residiu em Juazeiro, Moura criou o jornal *O Jacuba*, além de ter se filiado ao Partido Comunista. A socióloga Érika Mesquita indica por volta de 1945 o ano de sua filiação (MESQUITA, 2002: 176).

Em 1949, Moura muda-se para a cidade de São Paulo. Na nova cidade, Clóvis Moura começou a atuar na Frente Cultural do Partido Comunista, além de exercer a função de jornalista nos Diários Associados (MESQUITA, 2002:

176). Diários Associados foi uma instituição de mídia criada em 1924 por Assis Chateaubriand, um influente jornalista e político.

Em São Paulo, aos vinte e cinco anos de idade, Moura teria começado uma nova vida. Ligado ao Partido Comunista, Moura se firma como jornalista, trabalhando em diversos veículos de comunicação da época: *Jornal Última Hora* (1952-1958), *Revista Fundamentos* (1952-1955), *Revista Flama* (1952) (OLIVEIRA, 2009: 38 e 68).

Ainda na Bahia, Clóvis Moura, então jornalista, se lançou na tarefa de escrever um livro sobre as rebeliões escravas no Brasil. Esse livro só foi publicado sete anos depois de pronto, em 1959, como o título de “Rebeliões da Senzala”.

Moura se considerava negro. Em uma entrevista concedida ao *O Jornal de Alagoas*, em 1995, Moura afirma que seu interesse pela cultura negra se deve, primeiramente, por ser descendente de africanos, isso o teria motivado a querer entender o seu contexto na sociedade:

“[...] Porque, se eu não me localizo dentro do contexto da sociedade e etnicamente, eu sou aquilo o que Sartre chamava um ser-não situado, uma pessoa que boia dentro de um contexto sem saber onde se ancora”.¹

150

Ainda na entrevista para o mesmo jornal, Moura afirma que sua descendência europeia – Steiger – não poderia estar em primeiro plano, já que suas características físicas e mentais não tinham nenhuma ligação com essa descendência branca².

Clóvis Moura e o Livro “Rebeliões da Senzala”

Aos 34 anos de idade, no ano de 1959, após mais de sete anos tentando publicar seu primeiro livro, Moura conseguiu ver seu sonho transformado em realidade. Publicado pelas Edições Zumbi, uma pequena editora paulista, o livro “*Rebeliões da Senzala*” foi lançado, e dedicado aos seus pais Francisco e Elvira e a sua filha Soraya (MOURA, 1959).

Treze anos depois, em 1972, aos 47 anos de idade, Clóvis Moura

1 VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie: reportagens.

2 VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura. Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie: reportagens.

conseguiu reeditar o livro na coleção “Temas Brasileiros” da editora Conquista, uma coleção de prestígio dirigida pelo intelectual e político Arthur Cezar Ferreira Reis³. A nova edição tinha passado por uma completa reformulação, resultado de um grande investimento de Clóvis Moura, que voltou aos arquivos para poder incluir novos temas, não abordados na primeira edição, como por exemplo, a atuação dos escravos rebeldes na região de São Paulo. Se a primeira edição foi elaborada a partir de um arquivo, o Arquivo Público da Bahia, agora Clóvis Moura teve outros arquivos como referência. Dentre os arquivos que Moura circulou para complementar a sua obra destacam-se: em São Paulo, o Instituto Brasileiro de Filosofia de São Paulo, o Arquivo do Estado de São Paulo e a Prefeitura Municipal de São Paulo (Departamento de Cultura); no Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional.

A primeira edição possui apenas “orelha” com comentários da própria editora. No comentário feito na “orelha” da primeira edição do livro, o trabalho de Moura é enaltecido, principalmente em relação ao seu pioneirismo em usar como fontes primárias os manuscritos do Arquivo Público da Bahia. Para além disso, a editora destacou, mesmo sem apontar nomes, que Moura rompeu com a interpretação de que o negro deveria ser visto através de um contexto “etnográfico” e “folclórico, defendendo o campo histórico como alternativa para explicar a situação do negro no Brasil (MOURA, 1959). Certamente o texto fazia referência aos trabalhos dos antropólogos que vinham se destacando entre as décadas de 1930 e 1940 nesse campo de pesquisa sobre negros como, por exemplo, Gilberto Freyre e Arthur Ramos.

151

Já na segunda edição, também há uma “orelha” elaborada pela editora. Mas, diferentemente da primeira, em que o comentário é sobre o livro, nesta “orelha”, o comentário segue um padrão editorial, que caracteriza a coleção “Temas Brasileiros”. O texto apresenta o mapa que ilustra a capa, de autoria do cartógrafo francês Pierre Desceliers, de 1550, considerado o “criador da hidrografia francesa” (MOURA, 1972).

Mas, nesta segunda edição, a editora se preocupou em oferecer nas primeiras páginas um breve histórico da vida de Clóvis Moura, com dados sobre o local de nascimento, as cidades onde residiu e os primeiros trabalhos, a fim de apresentar e aproximar o autor de seu público leitor. Neste breve histórico, que não foi intitulado pela editora, afirma-se também que a intenção era fazer dois volumes

3 Pesquisamos trabalhos acadêmicos sobre a coleção “Temas Brasileiros”, assim como, trabalhos sobre a trajetória de Arthur Cezar Reis. Mas infelizmente, não localizamos sequer um trabalho.

de “*Rebeliões da Senzala*”, mas que, por motivos editoriais – não explicitados no texto – foi preciso condensar o livro em apenas um volume (MOURA, 1972: 13-14).

Arthur Reis, diretor da coleção, destacou nas páginas seguintes, numa apresentação, a importância do livro. Embora não explicitando o que distingue a segunda edição da primeira, Reis deixa claro que a edição de 1972 do livro “*Rebeliões da Senzala*” não é “uma edição que repita a primeira”. O que o coordenador da coleção procura deixar explícito é que o livro de Moura trouxe uma nova abordagem em relação aos demais trabalhos sobre o negro. Para ele, Moura trouxe uma “continuidade geográfica ou temporal” das revoltas negras, o que pouco se percebia nos estudos sobre o negro (MOURA, 1972: 16).

Vemos, então, que Reis ao destacar essa “continuidade geográfica ou temporal”, está evidenciando uma originalidade na obra de Moura, que não foi mencionada na primeira edição. Para além disso, Reis também destacou que a interpretação de Clóvis Moura é nova por trazer um “espírito de reação”, “da multidão negra”, que contraria as interpretações de um “escravo sossegado”, “conformado” e “incapaz de atos coletivos de rebeldia” (MOURA, 1972: 16).

152

Arthur Reis ainda afirmou que o livro de Moura ofereceu:

“[...] uma contribuição preciosa para o estudo e compreensão da sociedade brasileira nos quatrocentos anos de funcionamento do sistema sócio-econômico da mão-de-obra escrava. É, por isso, um livro que abre perspectivas, propõe, sugere, informa, sustenta posições a serem examinadas para a formulação de uma exegese não simplista nem prejudicada por pressões ideológicas” (MOURA, 1972: 16).

Fica bem claro neste posicionamento de Reis, que o mesmo está considerando o trabalho de Moura um estudo propositivo, que apresenta uma nova proposta de interpretação sobre a escravidão. Um livro que, para Reis, ultrapassa as expectativas de qualquer leitor, porque além de informar sobre um tema, ele também levanta hipóteses a serem pensadas.

Arthur Reis, ao adotar esse posicionamento em relação ao livro de Moura, estava certamente influenciado pelo contexto de mudança na historiografia, que começou por volta de 1960. Segundo as historiadoras Ana Lugão Rios e Hebe Mattos foi em 1960 que começou uma grande revisão historiográfica. A partir desse momento, a escravidão passou a ser entendida pelos estudiosos como um sistema de violência e de luta, rompendo com uma certa visão harmoniosa produzida na década de 1930, e que teria orientado os trabalhos elaborados nas décadas de 1940

e 1950 (RIOS; MATTOS, 2005: 17-22).

A segunda edição do livro “*Rebeliões da Senzala*” sai justamente no bojo desse movimento revisionista, em 1972. Ou seja, quando essas críticas à produção da geração de 1930 já estão consolidadas. Como evidenciou Rios e Mattos, há uma inversão nos estudos sobre a escravidão neste momento. Antigos “paradigmas” são deixados para trás, e o escravo para a ser visto como um agente social dentro do sistema escravista (RIOS; MATTOS, 2005: 25-26).

O livro publicado pela Editora Conquista traz ainda uma introdução, o que não havia na primeira edição. Nesta introdução, Clóvis Moura fez algumas afirmações sobre o seu novo trabalho, por meio das quais reinventa seu próprio livro. Afirmou, por exemplo, que o material “não foi apenas revisto”, mas também “enriquecido”. Ressaltou que na segunda edição tentou corrigir algumas das “deficiências” existentes na primeira edição. Nesse ponto, destaca que iniciou a pesquisa em 1948, ainda bem jovem, e que esta ainda teria ficado guardada por vários anos por falta de uma editora que se interessasse em publicar o material (MOURA, 1972: 19). Em outras palavras, ela precisava ser reescrita, o que ele fez nessa segunda edição.

Moura também destacou nessa introdução as dificuldades encontradas para escrever “*Rebeliões da Senzala*”, principalmente devido ao que ele chamou de “barreiras históricas”. Uma dessas barreiras é marca de sua própria historicidade: à época, faltavam estudos que mostrassem o negro lutando contra a escravidão. Em seguida, faz uma crítica muito precisa aos trabalhos até então produzidos. Segundo ele, seus autores optaram por repetir “esteriótipos” sobre a interpretação dos negros ao invés de realizar uma investigação em arquivos, e procurar documentos para fazer uma análise mais substancial, que pudesse mostrar o outro lado da escravidão (MOURA, 1972: 19).

Essas críticas já apontam para um reposicionamento de Moura no campo temático sobre “escravidão”. Nessa introdução, de 1972, ele já se via como um escritor original e que tinha uma proposta nova em relação aos estudos sobre os negros no Brasil:

Nosso trabalho procura estudar a participação do escravo como forma dinâmica, como contribuinte ativo no processo histórico. A outra parte, do escravo como elemento dócil, masoquista, conservador do regime, termo passivo no processo social já foi por demais estudada. Há mesmo uma verdadeira indústria nesse sentido (MOURA, 1972: 22).

Essa proposta nova é, sem dúvida, resultado de treze anos de experiência intelectual. Depois da primeira publicação do “*Rebeliões da Senzala*”, em 1959, Clóvis Moura foi se afirmando como escritor, tendo publicado quatro títulos: “Espantalho na Feira”, em 1962; “Argila da Memória”, em 1962; “Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha”, em 1964; e “Âncora no Planalto”, em 1964. Três desses livros são de poesia - “Espantalho na Feira”, “Argila da Memória” e “Âncora do Planalto” -, já o livro “Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha”, é de crítica literária. Após treze anos da publicação da primeira edição de “*Rebeliões da Senzala*”, e com quarenta e sete anos de idade, Moura já era agora um intelectual.

Moura dialogou também com vários intelectuais durante esses anos, tendo participado de vários eventos acadêmicos; além de ter mantido seu trabalho como jornalista, ocupando os cargos de diretor e redator em jornais paulistas de grande circulação, tais como: *Diário da Noite*, *Diário de São Paulo* e a *Folha de São Carlos*. Foi ainda, entre 1954 e 1968, professor no curso de Literatura Brasileira na União Brasileira de Escritores, em parceria com o Conselho de Cultura de São Paulo e ministrou nessa mesma época o curso “O Escravo Negro: de escravo a marginalizado”, na Universidade Estadual de Londrina⁴. Tratava-se, portanto, de um intelectual mais maduro e já inserido nos debates políticos e intelectuais da época.

A terceira e quarta edição de “*Rebeliões da Senzala*” foram publicadas ainda na mesma década; uma em 1981 e a outra sete anos depois, em 1988, em plena comemoração do centenário da abolição. As duas edições mantiveram a mesma estrutura de capítulos da segunda edição, apresentando apenas mudanças pontuais. E é para essas edições que vamos direcionar nossa atenção a partir de agora.

Quando da publicação da terceira edição do livro “*Rebeliões da Senzala*”, pela editora Ciências Humanas de São Paulo, Moura tinha 56 anos de idade. (MOURA, 1981) Desde a época da segunda edição do livro até esta terceira edição, Clóvis Moura já havia publicado mais seis títulos: “O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel”, em 1976; “Sociologia de la Práxis”, em 1977; “O Negro: de bom escravo a mau cidadão?”, em 1977; “Manequins Corcundas”, em 1978; “A Sociologia Posta em Questão”, em 1978; “Saco e Vanzetti: o protesto brasileiro”,

4 Fábio Oliveira traz em sua dissertação de mestrado, na parte dos anexos, o currículo de Clóvis Moura cedido por sua segunda esposa, Griselda Moura. Neste currículo, é possível observar algumas atividades didáticas e culturais realizadas por Moura. Cf. OLIVEIRA, 2009: 136-142.

em 1979. E, ainda em 1981, além da terceira edição de “*Rebeliões da Senzala*”, foi publicado também “Os Quilombos e a Rebelião Negra” (Cf. MOURA, 1976; MOURA, 1977; MOURA, 1977; MOURA, 1978; MOURA, 1978; *Saco e Vanzetti*, 1979. MOURA, 1981).

Percebemos que diferentemente do início de sua carreira, quando a poesia estava em primeiro plano, neste momento da publicação da terceira edição de “*Rebeliões da Senzala*”, Moura estava mais focado em temas que tinham como destaque o negro e a teoria sociológica.

Assim como aconteceu nas décadas de 1960 e 1970, a década de 1980 também foi marcada por uma revisão historiográfica. Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes, essa nova historiografia tinha começado a tomar forma em meados da década de 1970, através da influência teórica e metodológica internacional da História Política e da História Cultural. Ao mesmo tempo, ocorreu no Brasil uma expansão dos cursos de pós-graduação. Os pós graduandos começaram a trabalhar, segundo a historiadora, mais diretamente em temas que estavam ligados a movimentos sociais, como por exemplo, “história do trabalho, na qual os protagonistas eram escravos, libertos, homens livres, camponeses, artesãos, operários e assalariados em geral” (GOMES, 2005: 22-23).

155

Ainda de acordo com Gomes, esse novo modelo interpretativo que marca a década de 1980, visa romper com as antigas interpretações em relação à questão da dominação. Ou seja, até então, era defendida a ideia de que as classes dominantes eram capazes de “controlar e anular” a ação dos dominados. Nesta nova historiografia, os estudos que têm como recorte os movimentos sociais sustentam a ideia de que os trabalhadores, inclusive os escravos, foram “sujeitos de sua própria história”. Os estudos, então produzidos a partir desse novo modelo interpretativo, tiveram alguns estudiosos como referência, como por exemplo, Edward Palmer Thompson, Robert Darnton e Carlo Ginzburg (GOMES, 2005: 24-25).

Vemos, então, que o livro “*Rebeliões da Senzala*” foi publicado por duas vezes, na mesma década, em momento de revisão historiográfica importante, em que antigas interpretações são questionadas e novos estudos sobre os movimentos sociais aparecem no meio acadêmico, dando um sentido maior aos “protagonistas” do trabalho.

Assim como na segunda edição, a terceira edição de “*Rebeliões da Senzala*” também faz parte de uma coleção. O título da coleção é “A Questão Social no Brasil”, idealizada pelo historiador e professor da USP, Reinaldo Xavier

Carneiro Pessoa⁵.

Na “orelha” dessa edição, observamos mais uma vez, assim como aconteceu na primeira edição, uma exaltação ao trabalho de Moura. A editora resumiu o trabalho do autor como um “obra de consulta obrigatória” para quem quer conhecer o problema do negro no país. Tratava-se de um trabalho “pioneiro”, leitura obrigatória para quem quer entender a formação da sociedade brasileira através da intervenção do negro ao longo do sistema escravista (MOURA, 1981).

Percebemos ainda nesta “orelha” que a editora destacou duas características na obra de Moura: a primeira é que o autor “oferece ao leitor uma brilhante descrição das condições das lutas negras no interior da nossa sociedade escravocrata”, e a segunda é que o autor traz em relação ao negro “uma convincente explicação do seu papel nas lutas sociais brasileiras até finais do século XIX” (MOURA, 1981: 298).

Entendemos que os dois pontos destacados pela editora, o potencial descritivo e explicativo da obra, são novas em relação à primeira e à segunda edições do livro. Portanto, são características que ajudaram a reinventar a terceira edição.

156

Na parte nova do livro que é um comentário do próprio Clóvis Moura nas primeiras páginas, intitulado “Duas Palavras Necessárias”, Moura reposiciona e reafirma sua originalidade. Segundo ele seu livro foi “solitário” e “pioneiro”. Ao assumir esse lugar de pioneiro na exploração da temática, Moura está, indiscutivelmente, começando a construir uma memória de si e de sua obra (MOURA, 1981: 11). O autor afirmou que “*Rebeliões da Senzala*” veio, na época, colocar em discussão o tema das relações entre senhores e escravos em questão e que, a partir de seu estudo, outros trabalhos surgiram interpretando o escravo como um agente “coletivo”, assim como ele fez no livro “*Rebeliões da Senzala*”. Dentre os autores que adotaram sua perspectiva de análise, Moura destacou: Décio Freitas, José Alípio Goulart, Ariosvaldo de Figueredo, Suely Robles Reis de Queiroz, Martiniano José da Silva e Luís Luna (MOURA, 1981: 12). Todos esses autores, de um modo geral, teriam feito - segundo Moura - trabalhos parecidos com o seu, dedicando-se a questão da atuação dos escravos rebeldes. Moura ainda acrescentou no tópico “Duas Palavras Necessárias” que seu livro “*Rebeliões da Senzala*” teve apenas um mérito:

5 Pesquisamos trabalhos acadêmicos sobre a coleção “A Questão Social no Brasil”, assim como, trabalhos sobre a trajetória de Reinaldo Xavier Carneiro Pessoa. Mas infelizmente, não localizamos nenhum trabalho.

[...] haver despertado não apenas a inteligência, mas a comunidade negra para o debate de um assunto/problema que era considerado tabu pelos historiadores e sociólogos acadêmicos, especialmente em consequência da herança da obra de Gilberto Freyre que apontava o Brasil como o paraíso da democracia racial, fruto e decorrência da benignidade inicial do nosso escravismo patriarcal, e, depois, das relações inter-étnicas democráticas surgidas após o 13 de maio (MOURA, 1981: 11-12).

Esse é o primeiro momento em que Moura faz uma crítica direta e aberta a Gilberto Freyre e à tese da democracia racial. Antes disso, a crítica era sempre discreta, como ele fez na segunda edição de seu livro, quando afirmou que seu trabalho não teve a pretensão de “estudar as lutas dos escravos do ponto de vista de simpatia ou piedade para com os oprimidos, vistos através de uma ótica partenalista ou filantrópica”, fugindo, dessa forma, de interpretações “românticas”, que considerava ser “deformada” e “desfigurada” (MOURA, 1972: 20). Portanto, na edição de 1981, a crítica ganhou contornos definidos, com a explicitação da herança interpretativa de Gilberto Freyre.

Já a quarta edição do livro “*Rebeliões da Senzala*” foi publicada pela editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, em 1988 (MOURA, 1988). Ou seja, sete anos depois da terceira edição, quando Clóvis Moura completou sessenta e três anos de idade. Mais uma vez, o livro integrava uma coleção, intitulada “Série Novas Perspectivas”. Aqui vale dizer que o livro não sofreu mudanças significativas como na segunda edição, apresentando apenas uma nova introdução e alterações pontuais no corpo do texto.

A reedição aqui está certamente associada às comemorações do centenário da Abolição. Segundo o historiador Stuart B. Schwartz, neste período ocorreu uma grande mobilização por vários setores da sociedade no sentido de lembrar da abolição. Diversos eventos públicos e acadêmicos foram realizados, vários livros sobre a questão negra – com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) – foram publicados, e inúmeros “congressos” e “simpósios” ocorrem pelo país. (SCHWARTZ, 2001: 21)

Desde a publicação da terceira edição, Clóvis Moura já havia publicado mais sete títulos: “Argila da Memória” (2ª edição), em 1982; “Os Quilombos e a Rebelião Negra”, em 1981 (1ª e 2ª edição) e em 1983 (3ª edição); “Brasil: Raízes do Protesto Negro”, em 1983; “O Negro no Mercado de Trabalho”, em 1986; “História de João da Silva”, em 1986; “Sociologia do Negro Brasileiro”, em 1988

(Cf. MOURA, 1982; MOURA, 1983; MOURA, 1983; MOURA, 1986; MOURA, 1986; MOURA, 1988).

Com exceção de “Argila da Memória” e “História de João da Silva”, que são de poesia, todos os outros títulos têm como temática a questão negra. Na década de 1980, Moura já era uma referência importante sobre a situação do negro no Brasil.

A editora Mercado Aberto também afirmou, na “orelha”, que o livro “*Rebeliões da Senzala*” veio contestar uma visão “parcial” do negro que por muito tempo foi defendida pela historiografia. A editora destacou que o livro desconstruiu a interpretação “a-histórica” do negro na sociedade, assim como desfez a ideia de “convivência harmônica” entre senhor e escravo. (MOURA, 1988). Ao final, acrescentou ainda:

“Obra fundamental da historiografia brasileira sobre a escravidão, *Rebeliões da Senzala*, nesta edição revista e definitiva, restituiu ao escravo negro o seu papel como elemento dinâmico que contribuiu para solapar as bases econômicas da sociedade que o engendrou.” (MOURA, 1988: 308).

158

Vemos, então, que nesta quarta edição a editora teve a preocupação em reafirmar que o livro de Moura trouxe um escravo “dinâmico” que ajudou a “solapar”, ou seja, abalar as bases do sistema econômico ao qual estavam submetidos. Mas o que mais nos chamou atenção nesta quarta edição foi a inclusão de um novo elemento que reinventa e legitima Clóvis Moura e sua obra. Na folha de rosto, logo após o título, aparece: “Clóvis Moura-sociólogo”. Tal informação não aparece em nenhuma das três edições anteriores. Ou seja, nesta quarta edição há um reconhecimento de seu trabalho e de sua trajetória, que o reinventa e autentica Moura como sociólogo. Essa informação é bastante válida, já que Moura não tinha diploma universitário.

Essa quarta edição também traz uma introdução nova, onde o autor mais uma vez realiza uma crítica clara e direta aos trabalhos que antecederam à primeira edição do livro “*Rebeliões da Senzala*”. Segundo Moura, ainda quando estava fazendo sua pesquisa para construir o livro, percebia que o problema da luta dos escravos não era um assunto muito debatido, e quando evidenciado em algum trabalho, estava relacionado a movimentos “antiaculturativos”. Os movimentos eram vistos como “rejeição” do negro para com a cultura imposta pelo branco, e não como uma contestação do negro para com a sua condição de “escravo”, de

“homem desumanizado”, de “coisa”. (MOURA, 1988: 9-10)

A referência aqui é sem dúvida aos trabalhos da corrente “culturalista” da década de 1930. Dentre os autores que se destacaram nesta época, Flávio Gomes, apropriando-se de uma interpretação de João José Reis, chamou atenção para estudiosos como Arthur Ramos e Edison Carneiro. Esses intelectuais, seguiam a interpretação de Nina Rodrigues, defendendo a tese de que os quilombos eram um “fenômeno contra-aculturativo”, ou seja, que a resistência estava relacionada à necessidade de manter viva a cultura africana (GOMES, 2006: 10-11).

Moura quis chamar atenção com essa crítica para o fato de que esses estudiosos, que seguiram Nina Rodrigues, deixaram transparecer em seus trabalhos que o “comportamento do escravo” era resultado de sua diferença cultural em relação à “civilização ocidental”. Desta forma, os trabalhos produzidos por esta “corrente” deixaram de mostrar a “dinâmica social” e permitiram uma interpretação de que, superando os problemas culturais entre negros e brancos, tudo poderia “se ajustar” (MOURA, 1988: 10).

Por meio dessas reedições, e dos vários textos que as rerepresentavam, alguns de autoria do próprio Moura, “*Rebeliões da Senzala*” ia ganhando um lugar muito particular, o de pioneiro na produção de uma nova interpretação sobre o negro no Brasil, que objetivava entender o escravo como um “agente coletivo”, e não simplesmente como um “objeto histórico” (MOURA, 1988: 29).

159

Referências Bibliográficas:

Entrevista concedida por Soraya Moura em 10/04/2012.

GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B.;

GOUVÊA, Maria de Fátima S. (org.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de Quilombolas – mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.

MESQUITA, Érika. *Clóvis Moura: uma visão crítica da história social brasileira*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2002.

MOURA, Clóvis. *Argila da Memória*. 2. ed. Piauí: Editora Corisco, 1982.

_____. *Rebeliões da Senzala...* Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1988.

_____. *Rebeliões da Senzala...* Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1972.

_____. *Rebeliões da Senzala...* São Paulo: Edições Zumbi, 1959.

_____. *Rebeliões da Senzala...* São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. *Clóvis Moura e a Sociologia da Práxis Negra*.
Dissertação de Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais. Niterói – RJ:
Universidade Federal Fluminense - UFF, 2009.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. Experiência e Narrativa – o “pós-abolição”
como problema histórico. In: *Memórias do Cativo: família, trabalho e
cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, Roceiros e Rebeldes*. Bauru-SP: Editora da
Universidade do Sagrado Coração – EDUSC, 2001.

VALENÇA, Silvana. Clóvis Moura – O Preconceito Racial e o Branqueamento
Brasileiro. In: *O Jornal*, 18/02/1995. CEDEM-UNESP. Fundo Clóvis Moura.
Caixa 42. Pasta: 1. Grupo Produção Intelectual: Série: recortes de jornal. Subsérie:
reportagens.